

DISCUTINDO EXPERIÊNCIAS DE APRENDIZAGEM EM SALA DE AULA: ENTRAVES E POSSIBILIDADES NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Elenice Alves Pereira (Bolsista Capes/INEP/UERN)
Marciel Alan Freitas de Castro (Bolsista Capes/INEP/UERN/UAB/IFRN)
Maria da Conceição Costa (DOCTORANDA/FEUSP)

RESUMO: Esse trabalho insere-se no âmbito das investigações propostas pelo projeto intitulado *O desafio de ensinar a leitura e a escrita no contexto do ensino fundamental de nove anos*, implementado por três IES (USP, UERN e UFPA) e por suas respectivas escolas de aplicação. O referido projeto prevê a elaboração de um plano de ensino ao final de quatro anos de acompanhamento da aprendizagem discente em turmas iniciais do ensino fundamental. Visando os múltiplos olhares sobre a heterogeneidade na sala de aula e a singularidade dos alunos, esse trabalho busca ainda, a divulgação e expansão das ações desenvolvidas pelo projeto. O resultado dessa pesquisa traz dados que podem contribuir para a educação no que se refere à aprendizagem dos alunos dos anos Iniciais do Ensino Fundamental, ajudando a construir formas avaliativas e compreender como se dá o processo de transição das crianças da Educação Infantil para o Ensino Fundamental.

PALAVRAS CHAVE: Alfabetização; Experiência; Sala de aula.

INTRODUÇÃO

O presente artigo tem como objetivo divulgar e socializar as ações desenvolvidas pelo projeto “*O desafio de ensinar a leitura e a escrita no contexto do ensino fundamental de nove anos*”,

¹Bolsista CAPES/ e Aluna do 5º período do curso de Pedagogia, do Departamento de Educação do *Campus* Avançado Profª. Maria Elisa de Albuquerque Maia – CAMEAM, pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN

²Bolsista CAPES/ e Aluno do 6º período do curso de Letras, do Departamento de Letras Vernáculas – DLZ, do *Campus* Avançado Profª. Maria Elisa de Albuquerque Maia – CAMEAM, pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN

³Coordenadora do projeto “*O desafio de ensinar a leitura e a escrita no contexto do ensino fundamental de nove anos*”, no Pólo de Pau dos Ferros/RN, e Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Educação da Faculdade de Educação da USP. Professora do Departamento de Educação, do *Campus* Avançado “Professora Maria Elisa de Albuquerque Maia”, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN.

no *pólo* de Pau dos Ferros/RN, trazendo experiências de sala de aula, de atividades construídas pelos bolsistas, que são graduandos do curso de Pedagogia e Letras pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, no *Campus* Avançado Professora Maria Elisa de Albuquerque Maia, alunos mestrandos, e professores da rede Municipal de ensino da referida cidade. Vale salientar que esse projeto tem sido implementado por três IEs (USP, UERN e UFPA) e por suas respectivas escolas de aplicação. Este trabalho evidenciará apenas as experiências no *Pólo* de Pau dos Ferros, com base nos diagnósticos, registro de bolsista em sala de aula, atividades desenvolvidas por docentes e alunos de graduação, realizadas com

uma turma inclusa no Projeto no ano de 2012 (turma multisseriada, 1º e 2º ano), relatando um pouco do que é desenvolvido cotidianamente em sala de aula.

Assim como visa o objetivo do projeto, que é diminuir a defasagem dos alunos em transição (Educação Infantil para Ensino Fundamental no contexto de Nove anos), as ações desenvolvidas buscam a alfabetização das crianças de modo integral, que essa criança possa sair dos anos iniciais para os anos seguintes dominando a leitura, a escrita e a oralidade, de modo que ao final de quatro anos, teremos sistematizado maneiras, formas de avaliar e de diagnosticar dificuldades e habilidades das crianças no seu processo de alfabetização, e assim, apresentar resultados que ampliem o modelo de ensino-aprendizagem, mostrando que dois professores em sala podem contribuir para uma educação integral, considerando sempre a singularidade de cada criança, a heterogeneidade e a complexidade que é o processo de alfabetização.

Para tanto, temos ancorado ao projeto discussões acerca da alfabetização, o que é alfabetizar uma criança, que critérios utilizar, etc. para tanto, desenvolvemos atendimentos individuais com cada criança, dividindo a quantidade de alunos por bolsista, isso é feito a partir dos diagnósticos aplicados no início do ano letivo, e também, no decorrer de todo o ano, para identificar mais dificuldades e fazer a (re) distribuição dos alunos que precisem de atendimento individual.

Com intuito de conhecer a realidade das crianças, temos uma grande preocupação com as condições de ensino de cada uma. Temos como foco principal nesse projeto, a oralidade, a contação de histórias, utilizando apenas expressões corporais, pois, assim como acentua BELINTANE (2010) o corpo é instrumento principal para a contação de história, dependendo da forma como se usa o corpo na contação, a criança pode sentir-se interessada ou não pela história, pode internalizar aspectos/partes importantes da história somente por meio das expressões corporais que o contador utiliza. Desta forma, detalharemos nos tópicos a seguir um pouco do trabalho realizado, referindo-se aos sujeitos participantes da pesquisa, diagnósticos, registros, planejamentos, a presença de um segundo professor em sala e discussões do projeto em termos gerais, no *Pólo* de Pau dos Ferros.

1. SUJEITOS

Os sujeitos participantes da Pesquisa¹ no *pólo* de Pau dos Ferros/RN, perfazem um total de 74 alunos, distribuídos equitativamente em três turmas: 1º ano, 2º ano matutino, 1º e

2º ano (turma multisseriado) do Ensino Fundamental I, na Escola da rede Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental. No que se refere aos sujeitos atuantes da Pesquisa, são 17 bolsistas, e a presença do coordenador. Relataremos aqui, experiências apenas com os alunos oriundos da turma vespertina (Turma multisseriada, 1º e 2º ano), na qual a dinâmica de trabalho apresenta três bolsistas de graduação e o professor regente da Instituição (também bolsista do projeto), onde, dois deles são graduandos do curso de Letras e um do curso de Pedagogia do CAMEAM/UERN.

2. REFLEXÕES ACERCA DO TRABALHO EM EQUIPE

Os conteúdos dirigidos aos alunos participantes da pesquisa do Ensino Fundamental I pretende potencializar novas estratégias didáticas e pedagógicas de ensino, no tocante a atividades de escrita/oralidade/escrita/rebus produzidas pelos professores da rede Municipal de Ensino e pelos alunos de graduação do curso de Pedagogia e Letras, bolsistas do projeto “*O desafio de ensinar a leitura e a escrita no contexto do ensino fundamental de nove anos*”. Essas atividades são construídas pelos professores da escola de aplicação de Pau dos Ferros/RN, juntamente com os bolsistas de graduação dos cursos de Pedagogia e Letras. O trabalho em equipe advem de muito esforço e responsabilidade, visando sempre o desenvolvimento integral dos alunos.

É importante salientar que a figura do coordenador aparece como dinamizador desse processo de construção de aprendizagem, tanto para o professor que precisa está atualizado com o mundo tecnológico, bem como possuir uma formação continuada, como para o aluno de graduação que está em processo de formação. É importante que o coordenador motive a todos da pesquisa na direção do planejado, e, sobretudo, que aponte caminhos, além de administrar conflitos. Contudo, vale dizer que, o coordenador sozinho não consegue operacionalizar todas as ações, é o trabalho em equipe que faz o projeto caminhar, rumo aos seus objetivos. Assim, com todos empenhados, trabalhando junto, conseguimos traçar metas para cada ano letivo que se inicia (O projeto tem duração de 4 anos, sendo que este é penúltimo ano para o seu término), metas essas que estão ancoradas nos objetivos iniciais do projeto, metas que atendam o aluno de maneira integral, que possam oferecer aos alunos não

¹ “O desafio de Ensinar a Leitura e a Escrita no Contexto do Ensino Fundamental de Nove Anos” – Edital no. 038/2010/CAPES/INEP.

só motivação e qualidade de ensino, mas também condições de desenvolvimento (intelectuais, físicos, afetivos) abrangendo a individualidade de cada um.

3. DIAGNÓSTICOS

Os diagnósticos são planejados no início do ano, com intuito de conhecer em que nível de alfabetização se encontra cada criança (se conhece todo o alfabeto, se possui dificuldades com sílabas simples ou complexa, se diferencia letras e sílabas, etc.). É a partir do diagnóstico que surge a divisão de tarefas para cada bolsista, com base no número de alunos que precisarão de atendimento individual, e como se darão as atividades realizadas no coletivo em sala de aula. É por meio do diagnóstico que conseguimos traçar caminhos e estratégias para alfabetizar as crianças, sempre com o foco na oralidade, na leitura e na escrita, abarcando também, atividades como o rebus e a palavra valise. Esses diagnósticos são realizados no decorrer de todo o ano letivo, para saber onde e quando o nosso aluno progrediu/avançou ou se regrediu.

4. A IMPORTÂNCIA DO REGISTRO

O registro realizado pelos bolsistas em sala de aula é de suma importância para o desenvolvimento das competências que se inferem na escrita e na leitura dos alunos, assim como na apresentação oral (oralidade). O registro nos permite argumentar/defender sob diferentes foco(s): foco na escrita, foco na fala (oralidade/reconto) e foco na leitura (leitura de rebus). Em razão disso, as atividades realizadas na Escola de aplicação em Pau dos Ferros/RN nos permitiram conhecer a *fala* e a *escuta* dos alunos, e a oportunizar ações/estratégias didático-pedagógicas que nascem do entrelaçamento entre o conhecimento do professor alfabetizador e dos bolsistas de graduação, atuantes na sala de aula, e que se inserem na perspectiva de uma ação coletiva para melhorar a aprendizagem de todos os participantes desse processo ensino-aprendizagem.

É importante questionar que as diversas situações que o ensino nos apresenta, refere-se as diferentes realidades do alunado, e que a heterogeneidade não é um problema a ser resolvido, mas um elemento que faz parte do ser humano, e que precisa ser respeitado mediante a complexidade que é alfabetizar uma criança. Dessa forma, seja nos atendimentos individuais, nas atividades performáticas, ou no trabalho com as novas tecnologias, a elaboração de atividades diferenciadas na Educação Básica são decorrentes de ações do Projeto em Pau dos Ferros/RN, sobretudo do impacto das decisões no coletivo² oriundos do

registro feito em sala de aula. É através da sistematização dos dados que desenvolvemos atividades que atendam as singularidades e dificuldades de cada criança, assim sendo, o registro de sala de aula acontece, na maioria das vezes de forma literal, contendo falas dos alunos que demonstram o que eles estão aprendendo, pensando, fazendo, enfim, de forma literal registramos as situações de aprendizagem que acontecem em sala de aula, bem como situações que podem influenciar no desenvolvimento de cada criança e que podem nos ajudar a entender o porque do não avanço de uma determinada criança, ou explicar algum comportamento que até então não havia sido detectado nos diagnósticos.

5. O SEGUNDO PROFESSOR: PRÁTICA E IMPLICAÇÕES PEDAGÓGICAS

O segundo professor aparece como um sujeito que atua dentro da sala de aula tendo total autonomia sobre a classe. E por que segundo professor? No projeto temos três professoras da educação básica da rede municipal de ensino, como bolsistas também do projeto elas dividem as responsabilidades com uma segunda pessoa (bolsista de graduação ou mestrando), em que este aparece como um sujeito pesquisador, com um olhar aguçado para as heterogeneidades e singularidades dos alunos. Assim, é a partir da relação entre o primeiro e o segundo professor que se traça metodologias e atividades para as crianças, visando o processo de alfabetização das mesmas.

Em outras palavras, a prática pedagógica do primeiro e do segundo professor interligados ao processo de construção ensino/aprendizagem está relacionada a interpretação da realidade escolar e a qualidade das ações que possibilita, ou seja, pela atuação do bolsista na operacionalização das atividades a luz do(s) planejamento(s) que surgem do individual ao coletivo (grupal), assim como na apresentação de questões que norteiam a prática pedagógica (plano de aula e de apresentação do cronograma das atividades diárias), e procedimentos didático-pedagógicos, e por fim, a apresentação de registros relacionados a apresentação de reflexões sobre o perfil dos alunos atendidos pelo projeto, e a forma como se constroi a relação e interação professor/aluno da educação básica. Portanto, esboçaremos como se dá o trabalho coletivo semanal entre primeiro e segundo professor, mediante os tópicos a seguir:

² Refere-se ao projeto "O desafio de Ensinar a Leitura e a Escrita no Contexto do Ensino Fundamental de Nove Anos e da Inserção do Laptop na Escola Pública Brasileira" – Edital no. 038/2010/CAPES/INEP, no que diz respeito às reuniões para planejamento, operacionalização e construção de dados.

5.1. alguns pontos importantes sobre planejamento, **5.2.** atividades, **5.3.** estratégias didático-pedagógicas nos âmbitos individual e coletivo e por último, **5.5.** as reuniões realizadas.

5.1. Planejamento: os professores orienta bolsistas a fim de contemplar informações acerca da elaboração de atividades referentes ao processo de ensino-aprendizagem, e ao contexto atual, pois cabe aos professores constatarem as dificuldades dos alunos, no que diz respeito a leitura/escrita/reconto/rebus, e o posicionamento do professor durante a operacionalização (elaboração) e aplicação das atividades na realidade escolar. Portanto, as trocas de experiências por ambas as partes (1º e 2º professor) podem criar ou criam vínculos que geram oportunidades que são significativas na construção da coletividade.

5.2. Atividades: as produções escritas/orais e midiáticas nos possibilitam sistematizar os conteúdos aplicados em sala de aula, ou seja, as proposições práticas referentes ao planejamento das atividades. Desta forma, trabalhamos em sala de aula atividades que estimulem a motivação das crianças no processo de alfabetização, tentando conhecê-las e criar atividades que atendam a realidade e singularidade de cada uma. No ano de 2012 trabalhamos nessa turma vespertina (multisseriada 1º e 2º ano) muitos jogos de raciocínio lógico, quebra-cabeças, jogos esses criados pelos bolsistas de graduação e professores, a partir de contações de histórias, trouxemos para a sala dinâmicas que possibilitaram uma internalização de conhecimento mais rapidamente, detectado através das atividades escritas. Toda atividade aplicada é criada pelos bolsistas (docentes e discentes), de acordo com eixo temático pedagógico trabalhado pela escola.

5.3. Estratégias didático-pedagógicas no âmbito individual e coletivo: Considerando a necessidade de compreender e analisar o processo de alfabetização, mais precisamente daqueles alunos que estão em transição (educação infantil para o ensino fundamental), percebemos a importância da interação professor e aluno no ambiente escolar, e, sobretudo, das ações e estratégias didáticas como: exposição, leitura, o trabalho com diferentes gêneros textuais, pois se entrelaçam e reforçam como práticas escolares que possam favorecer o desenvolvimento pessoal/social e a subjetividade dos alunos.

Assim, o professor alfabetizador, juntamente com o bolsista de graduação (segundo professor) por sua vez, são os responsáveis pela sistematização e organização das atividades, atividades essas que proporcionam condições de aprendizagem, pela metodologia de ensino e pela forma como o aluno participa do processo de aprendizagem em sala de aula. Na maioria

das vezes adotamos como estratégias didático-pedagógicas a criação de jogos, de palavras valise (palavras que dão origem a uma nova palavra, ex: Camaleão, CAMA e LEÃO) rebus (juntar sílaba de várias palavras, formando uma nova palavra, ex: MAcaco+LAranja= MALA) e principalmente, contação de histórias, realizadas semanalmente, pois, acreditamos que através da história a criança é capaz de internalizar mais facilmente os conhecimentos.

5.4. Reuniões: As reuniões acontecem semanalmente com os bolsistas de graduação do curso de Pedagogia e Letras, com os professores da educação básica participantes do projeto e mestrandos, juntamente com o coordenador do Pólo de Pau dos Ferros/RN. Esse momento de encontro entre os membros da pesquisa serve para socializar as ações desenvolvidas pelos bolsistas no decorrer da semana e construir estratégias para lidar com as demandas que surgem, discutir problemas que surgem na convivência com o grupo, e no que se refere à compra de materiais didáticos. Os bolsistas têm levado em conta alguns pontos de vista que incentivam a criatividade, que no coletivo, no calor das reuniões semanais, privilegiam a interação social, as trocas semelhantes e divergentes de opiniões dos pesquisadores que perfazem a pesquisa, no que tange a prática pedagógica, pois como afirma Cavalcanti (2002, p.18): “para a efetivação de uma prática bem sucedida é necessário que o educador esteja em permanente processo de atualização, no qual possa obter fundamentação teórica consistente em torno dos vários aspectos que constituem o saber pedagógico”. Para isso, porém, é necessário compreender criticamente a alfabetização infantil, sob uma nova ótica, ou seja, uma *nova visão* acerca dos desdobramentos das atividades aplicadas na pesquisa.

Portanto, o pesquisador/bolsista necessita analisar, sintetizar e interpretar dados da realidade escolar ou campo de atuação³ e por fim, tanto o primeiro quanto o segundo professor precisam planejar e tomar decisões em grupo.

6. RELATO DE ATIVIDADES REALIZADAS E APRESENTAÇÃO DE DIAGNÓSTICO INDIVIDUAL DE LEITURA/ESCRITA/ORALIDADE/REBUS.

Aqui serão tecidas observações a respeito de algumas atividades realizadas na turma do 2º ano do Ensino Fundamental I, e em seguida a apresentação de diagnósticos individuais de alguns alunos que foram significativos, que despontaram na aprendizagem, a partir de

³ Escola de aplicação em Pau dos Ferros/RN

atividades diferenciadas que subjazem o ensino de línguas, sob o foco: leitura/escrita/oralidade, como podemos ver abaixo nos quadros de apresentação de atividades e de diagnóstico individual por aluno:

ATIVIDADE DE NOMEAÇÃO E ESCRITA A PARTIR DE IMAGENS QUE REPRESENTAM A ESCOLA

A professora LOPES⁴ trabalhou no início de março uma atividade de escrita e nomeação das imagens: APONTADOR, BORRACHA, LIVROS, MOCHILA, ESCOLA, PROFESSORA, LÁPIS, COLEÇÕES, SALA DE AULA, CARTEIRA E CADERNO. Logo em seguida, foi proposto aos alunos separar as vogais e consoantes de cada palavra elencada acima, e por fim, os alunos poderiam produzir uma frase a partir de uma ou mais imagens representativas da escola, assim podemos ver com clareza a facção da atividade acima descrita no quadro intitulado **DIAGNÓSTICO INDIVIDUAL** a seguir:

DIAGNÓSTICO INDIVIDUAL
ALUNO: JNS
O aluno conseguiu nomear todas as imagens, mas apresentou dificuldades na escrita de algumas palavras como: apintr para APONTADOR e moichila para MOCHILA, pois houve trocas de letras, o por i e c por i . Já na produção da frase não apresentou dificuldades como veremos a seguir: “A escola e boa”. Visto que houve apenas um erro de ortografia (acento agudo em e).

ATIVIDADE COM CANTIGAS POPULARES, ESPECIFICAMENTE MÚSICAS JUNINAS
Um dos trabalhos mais significativos com o aluno JE foi a atividade com canções populares (trabalhada de maio a agosto, especificamente músicas juninas e outras cantigas, pois faz parte do repertório deste aluno: cantigas de roda, e sobretudo a curiosidade por parlendas, provérbios e ditos populares como podemos ver no quadro abaixo representando uma de suas produções em sala de aula:

⁴ A partir de então, serão feitas referências aos sujeitos, a partir de pseudônimos, em respeito ao anonimato de suas identidades.

DIAGNÓSTICO INDIVIDUAL

ALUNO: JE

Je não apresentou dificuldades para ler sílabas complexas como: **GRE** e **BRU** e escrever a canção “Linda Rosa Juvenil”, a partir de uma história, e por fim comentou sobre a canção como podemos observar: “fala de uma rosa que vivia alegre e um dia veio uma bruxa muito má”.

ATIVIDADE ESCRITA/NOMEAÇÃO E LEITURA DA PARLENDA “CADÊ O TOUCINHO” – DIAGNÓSTICO INDIVIDUAL

ALUNO: DN

Um dos trabalhos mais significativos com este aluno foi o trabalho com a parlenda “Cadê o toucinho”. No qual foram trabalhadas imagens, textos e escrita, visto que o mesmo não apresentou dificuldades para nomear as imagens e escrever ou representar cada imagem a partir da escrita como podemos as palavras escritas pelo aluno (foram computadas) ver abaixo:

Gato, mato, fogo, água, boi, trigo, galinha, ovo, padre, missa, altar, igreja.

Pois o aluno no início de março não conhecia todas as letras do alfabeto, e apresentava dificuldades na leitura e na escrita de sílabas simples e complexas, hoje a realidade é outra, o aluno DN conhece o alfabeto, ler sílabas simples como: BO, FO, GO, MI, MA, GA sem dificuldades.

À GUIA DA CONCLUSÃO E APRESENTAÇÃO DE RESULTADOS

Em resposta as indagações preconizadas pelo projeto “*O desafio de ensinar a leitura e a escrita no contexto do ensino fundamental de nove anos*”, e as reuniões realizadas em grupos de pesquisa no CAMEAM/UERN, mais especificamente no GEPPE (Grupo de Pesquisa e Planejamento do Processo Ensino-Aprendizagem), vamos retomar alguns pontos importantes dessa pesquisa na Escola de aplicação no *Pólo* de Pau dos Ferros/RN, no que concerne primeiramente aos trabalhos realizados em três turmas da educação básica: 1º ano, 2º ano e multisseriado (1º e 2º ano da educação básica), e por fim a apresentação de resultados referentes às produções dos aprendizes (atividades diagnósticas de oralidade, leitura, escrita, e entre outros gêneros orais e escritos), a fim de compreender as atividades direcionadas para a faixa etária trabalhada. No entanto, as atividades são realizadas em três campos de trabalho: Primeiro na turma do 1º ano do Ensino Fundamental I, segundo na turma do 2º ano do Ensino Fundamental I e por último na turma multisseriada (1º e 2º ano) do Ensino Fundamental I.

Assim, elencamos alguns comentários de atividades realizadas por três crianças que avançaram em cada campo de trabalho (1º ano e 2º ano): 1º - O aluno **JE** no início de março de 2012, quando foram aplicadas algumas atividades de escrita, oralidade e rebus com este aluno, constatamos que não distinguia letra cursiva de letra bastão, pois apresentava dificuldades na leitura e na escrita de sílabas simples, e sobretudo sílabas complexas, e na medida que eram trabalhadas atividades escritas e orais em sala de aula como: rodas de leitura, cantigas de roda, contação de histórias, estimulavam a criança o ato de ler. No entanto as dificuldades eram amenizadas. Já em agosto do mesmo ano, percebemos que o aluno **JE** não apresentou dificuldades para ler sílabas complexas como: **GRE** e **BRU** e escrever a canção “Linda Rosa Juvenil”, a partir de uma história, e tecer comentários sobre a canção “Linda Rosa Juvenil”, como podemos observar: “fala de uma rosa que vivia alegre e um dia veio uma bruxa muito má”. Portanto, o trabalho com textos narrativos tornou-se significativo para a aquisição da linguagem escrita e na construção de um repertório de narrativas. 2º. - O aluno no início de março/2012 não conhecia todas as letras do alfabeto, e apresentava dificuldades na leitura e na escrita de sílabas simples e complexas, hoje a realidade é outra, o aluno **DN** conhece o alfabeto, ler sílabas simples como: **BO, FO, GO, MI, MA, GA** sem dificuldades. Um dos trabalhos mais significativos com este aluno foi o trabalho com a parlenda “Cadê o toucinho”, no qual foram trabalhadas imagens, textos e reescrita. Visto que o mesmo não apresentou dificuldades para nomear as imagens e escrever ou representar cada imagem a partir da escrita das palavras (**Gato, mato, fogo, agua, boi, trigo, galinha, ovo, padre, missa, altar, igreja**). Em relação à aluna **SA** no período de março a maio apresentava algumas dificuldades em relação a escrita de sílabas simples, sílabas complexas, e na leitura de rebus, mas não apresentava dificuldades para nomear e identificar a sílaba inicial. No entanto, observamos que foi a partir de maio que a aluna avançou na escrita e na leitura, ou seja, a partir dos atendimentos individuais.

O atendimento individual realizado com a aluna **SA**, foi iniciado a partir do uso de listas de plantas regionais do sertão como: goiabeira, bananeira, jaqueira, mangueira, coqueiro, limoeiro, cajueiro, mamoeiro, laranjeira, e em seguida foi trabalhado um ditado de palavras, e uma atividade escrita que associava diferentes imagens aos nomes de plantas, e por fim, aluna poderia representar “plantas” por meio de desenhos e da escrita. A aluna não apresentou dificuldades para escrever, e nomear cada imagem.

Relato de diagnósticos e avanços de alguns alunos da turma multisseriada (1º e 2º ano do ensino fundamental I)

A partir do constructo teórico dos relatórios de diagnósticos realizados com a turma estes nos permitiram relatar avanços de alguns alunos que foram atendidos como podemos ver a seguir:

A aluna **MIR** no início de agosto ao final de setembro, não reconhecia parte das letras do alfabeto, não sílabava e apresentava dificuldades na leitura, escrita de sílabas simples e complexas, sobretudo em início de sílaba (RI), e algumas dificuldades na distinção entre sons consonantais como por ex: TRA e TA. Já quando foi feito atendimento com a aluna **MIR** no período de outubro a 1ª semana de dezembro constatamos que a aluna avançou na escrita, pois não apresentou dificuldades para ler e escrever sílabas simples (ex: GA, JÁ, TI, CA, PI), e sílabas complexas (ex: GRE, PRA).

O aluno **WES** no início de agosto ao final de setembro, apresentava dificuldades na escrita de sílabas simples (ex: SO, TE) e complexas (ex: PRO, ES), não conhecia todas as letras do alfabeto e também não pronunciava o **R** em fim de sílaba. Observamos que foi a partir dos atendimentos individuais e com a realização de atividades diferenciadas que o aluno despontou na escrita e na leitura (palavras simples e complexas), por ex: o aluno reconhece sílabas simples “SO”, “TE” e “VO”, e escreve palavras simples (ex: PATO, GATO) sem dificuldade.

A aluna **GIS** no início de agosto apresentava dificuldades na leitura e na escrita de sílabas simples (JÁ, GA), e desconhecia boa parte das letras do alfabeto. Já no final de setembro apresentou alguns resultados significativos por ex: Lia palavras simples (BOTA, BOLO, GALO, GATO), e algumas complexas (PANELA, ESQUELETO). e por fim, no início de outubro a primeira semana de dezembro, a aluna já avançou na escrita, pois distinguia letras e sílabas simples e complexas, identificava letras iniciais e finais de palavras: (PANELA, CHAPÉU, PORTA, COMIDA).

Diante do exposto, é conveniente ressaltar que, tais constatações, permitem apontar que o projeto “O desafio de ensinar a leitura e a escrita no contexto do ensino fundamental de nove anos” tem contribuído para o aprendizado, e sobretudo desencadeado mudanças significativas na prática pedagógica, concernente a criação de diferentes suportes escritos, que são a criação de atividades e através dos recursos midiáticos, nos auxiliam no processo de alfabetização.

Assim, faz-se necessário ressaltar a importância desse trabalho, visto que, falamos na entrada de uma segunda pessoa atuando em sala, proporcionando ao professor, condições de gerenciar as dinâmicas em sala com mais rapidez, habilidade e menos tempo, e assim,

atendendo as crianças de maneira integral. Desta forma, constatamos que a presença de uma segunda pessoa em sala de aula tem contribuído de forma significativa para o desempenho das crianças, que os atendimentos individuais nos dão propriedade para falar de cada criança, e entendê-las, atentar para as dificuldades, e de modo particular e singular tentar resolvê-las.

Portanto, esse projeto tem proporcionado, tanto para os alunos de graduação, bem como para os professores da educação básica, uma possibilidade de contruir um trabalho que tenha como finalidade o desenvolvimento integral das crianças, onde o lúdico, a brincadeira, o educar, o brincar estejam presentes de forma que subsidiem o aluno atentando para a escrita, a leitura e a oralidade de cada um. E é assim, de maneira coletiva e integral que se pensa em educação, em processo de alfabetização, em maneiras de se trabalhar, diminuindo a defasagem do aluno no contexto do Ensino Fundamental I. É preciso então, que os professores de modo geral, compreendem o ensino fundamental de nove anos, atentando para a heterogeneidade e a singularidade de cada criança, e que ao final de quatro anos, tenhamos em um projeto que atenda, de maneira qualitativa, as crianças em processo de alfabetização, que a figura do segundo professor possa transformar esse ensino, gerando uma nova concepção de que duas pessoas ou mais, no Ensino Fundamental pode dá certo, tenha dado certo nesse projeto, visto que, esse segundo professor possa se assumir como tal, e atuar de maneira autônoma e comprometida com o ensino.

REFERÊNCIAS:

CAVALCANTI, Joana. **Caminhos da literatura infantil e juvenil: dinâmicas e vivências na ação pedagógica.** São Paulo: Paulus, 2002.

BELINTANE, Claudemir. **Oralidade, alfabetização e leitura**: enfrentando diferenças e complexidades na escola pública/Claudemir Belintane. Universidade de São Paulo. Educação e Pesquisa, São Paulo, v.36, n.3, p. 685-703, set./dez.2010.